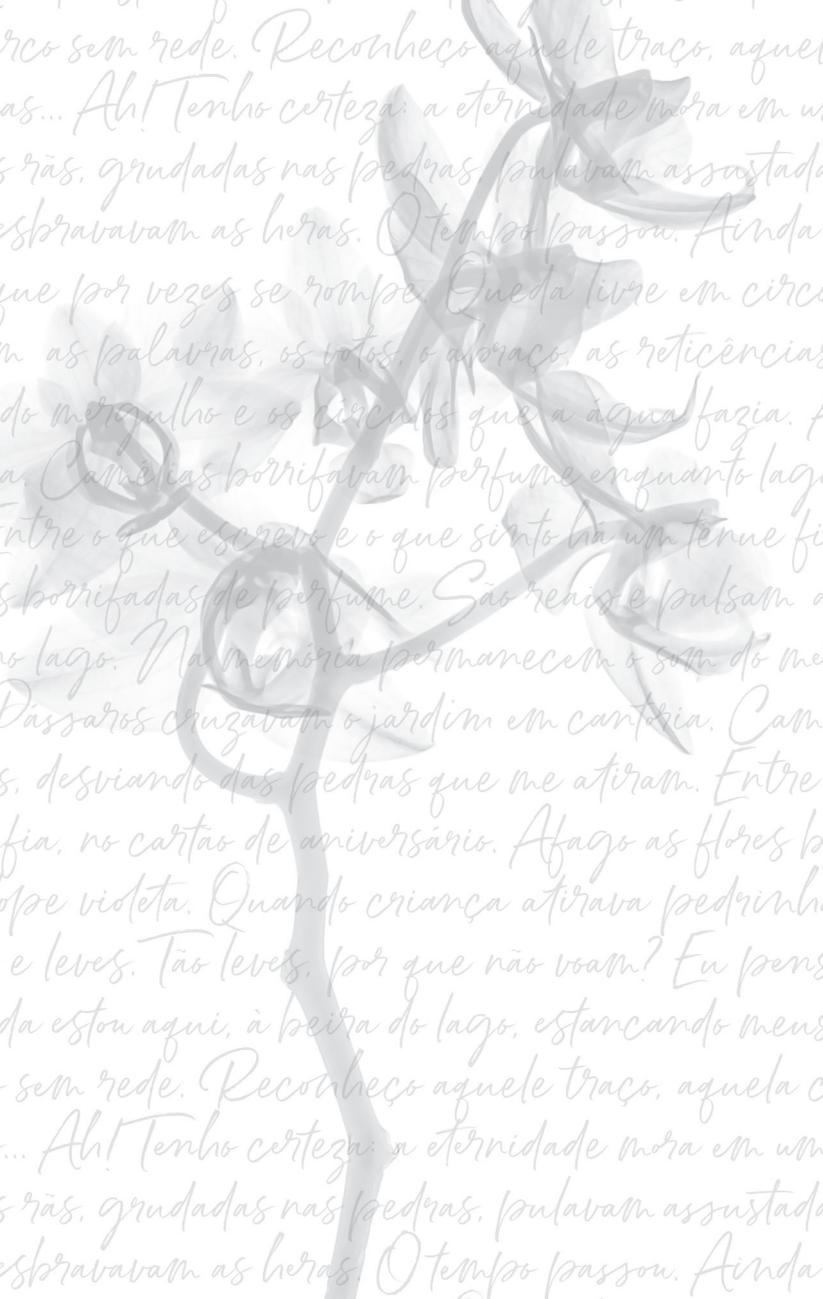


SONIA MARIA MAZZEI

# ENVELOPE VIOLETA

Editora Penalux, 2020



Traco, aquela caligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores  
mora em um envelope violeta. Quando criança atirava pedrinha  
n assustadas e leves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava.  
Passou. Ainda estou aqui, à beira do lago, estancando meus soluços  
em circo sem rede. Reconheço aquele traco, aquela caligr  
reticências... Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelop  
fazia. As rãs, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves.  
lagartos desbravavam as heras. O tempo passou. Ainda estou aqui  
me fio que por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede  
e pulsam as palavras, os votos, o apraço, as reticências... Ah!  
m o som do mergulho e os círculos que a água fazia. As rãs, o  
m cantoria. Camélias borrifavam perfume enquanto lagartos desto  
atiram. Entre o que escrevo e o que sinto há um tênue fio que por  
vo as flores borrifadas de perfume. São rãs e pulsam as palavra  
brinhas no lago. Na memória permanecem o som do mergulho e  
ensava. Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias bori  
us soluços, desviando das pedras que me atiram. Entre o que esc  
caligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas  
em envelope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lag  
sustadas e leves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pas  
sou. Ainda estou aqui, à beira do lago, estancando meus soluços,  
em circo sem rede. Reconheço aquele traco, aquela caligrافي  
ticências... Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelop  
fazia. As rãs, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves.  
lagartos desbravavam as heras. O tempo passou. Ainda estou aqui  
me fio que por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede

Flôres borrifadas de perfume. São reais e pulsam as palavras  
nhas no lago. Na memória permanecem o som do mergulho e os  
va. Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias borrifava  
duços, desviando das pedras que me atiram. Entre o que escrevi  
ligrafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas de  
velope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lago. Na  
eves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pássaros cruzavam  
aqui, à beira do lago, estancando meus soluços, desviando das p  
rede. Reconheço aquele traço, aquela caligrafia, no cartão o  
Ah! Tenho certeza: a eternidade mora em um envelope violeta. Qua  
is, grudadas nas pedras, pulavam assustadas e leves. Tão leves  
desbravavam as horas. O tempo passou. Ainda estou aqui, à beiri  
e por vezes se rompe. Queda livre em circo sem rede. Reconhe  
lavras, os votos, o abraço, as reticências... Ah! Tenho certeza: a ete  
ho e os círculos que a água fazia. As rãs, grudadas nas pedras,  
borrifavam perfume enquanto lagartos desbravavam as horas. C  
e escrevo e o que sinto há um tenue fio que por vezes se rompe. I  
adas de perfume. São reais e pulsam as palavras, os votos, o a  
lago. Na memória permanecem o som do mergulho e os círcul  
Pássaros cruzavam o jardim em cantoria. Camélias borrifavam  
cos, desviando das pedras que me atiram. Entre o que escrevo e  
grafia, no cartão de aniversário. Afago as flores borrifadas de pe  
elope violeta. Quando criança atirava pedrinhas no lago. Na o  
'eves. Tão leves, por que não voam? Eu pensava. Pássaros cruzavam  
aqui, à beira do lago, estancando meus soluços, desviando das p  
rede. Reconheço aquele traço, aquela caligrafia, no cartão o

## ENVELOPE VIOLETA

Reconheço aquele traço,  
Aquele caligrafia,  
No cartão de aniversário.

Afago as flores  
Borrifadas de perfume.

São reais e pulsam as palavras,  
Os votos, o abraço,  
As reticências...

Ah! Tenho certeza:  
A eternidade mora  
Em um envelope  
Violeta.

## A MOÇA NA JANELA

Contemplava a névoa silente  
Descendo sobre as casas,  
A chuva repentina.

Prendia o cabelo  
Para que o vento  
O soltasse.

Amavam-se:  
Ela e o vento.

Mas, cada momento é outro.

Ela gritou.  
Ele urrou possessivo.

Sacudiu a casa,  
Quebrou vidros,  
Destruiu a paisagem.

E, sem piedade,  
Arrastou a moça  
Pelos cabelos.

## SABIÁ

Sabia, sabiá  
Que a vida  
É pássaro  
E passa  
Sem se deixar  
Prender?

Sabia, sabiá  
Que a poesia é nuvem  
E deságua  
Sobre a folha em branco?

Sabia, sabiá?  
Escrevo versos  
Como quem reza e canta  
Só para imitar sua voz.  
Sabiá...

## HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Minha vida,  
Feita de sonhos,  
Desmoronou  
Ao primeiro sopro  
Do Lobo.

## VIAGEM

Na mesma bagagem,  
Levo angústia e prazer.  
Curvo-me ao volume  
Das gaiolas abarrotadas.

Um riacho me acompanha  
Refresca meu rosto  
Me dá de beber.

A outra margem está distante.

Sol e chuva  
Desbotam meus cabelos.

Estou adernando.

Ventos abrem caminhos.  
Cansado, pés sangrando,  
Olhos embaçados,

Nem percebo que cheguei.

## PRIMAVERA

Esta primavera,  
Este cantor matinal  
Que bem me vê  
Sob os lençóis...

Ipês ao abrigo do céu:  
“Elo entre o azul e o amarelo.”

Chuva fina  
Garoando meus cabelos.

Esta pista de dança multicolor  
Onde rodopio infinitamente  
Até cansar.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Pona e Electra LT Std  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2020.